

# Cartas intemporais do nosso tempo

## IX

A um moço camarada, sôbre qualquer possível influência do romance brasileiro na literatura portuguesa

(Continuação)

Assim:

a) Não se deve confundir literatura (falo da-quele aspecto principal da literatura que é a *arte literária*) com política ou sociologia; nem a arte literária é propaganda seja do que fôr.

¿Mas ainda será preciso insistir nisto? Qualquer leitor está no seu direito de simpatizar com as atitudes políticas e sociais subjacentes a vários romances brasileiros contemporâneos. Posso simpatizar eu próprio com elas. Qualquer romancista está no seu direito de em seus romances pôr problemas e debater conflito seja de que ordem fôr: política e social, como de outra. Quem nisso intervém é a personalidade do artista: a sua forma de sensibilidade, de imaginação, de inteligência. Fale cada artista do que mais profundamente sente, pensa, imagina, sonha, vive, *sabe!* Não tem outro meio de alcançar em arte a originalidade e a força. E esta é a única receita de todos os mestres, êste o grande e leal exemplo de todos, isto o que todos nos ensinam, — se acrescentarmos que para falar cada um do que mais profundamente sentiu, pensou, imaginou, sonhou, viveu, aprendeu, por instinto e razão buscou cada um a sua linguagem mais própria... O resto,—fê-lo o génio.

Nada tão natural, de acôrdo com estas verdades banais, como atacarem questões de ordem social e política os romancistas em quem são elas *questões da sua própria personalidade humana e artística*; digamos: da sua experiência vital e competência estética; da sua *realidade*, que é sempre uma face, ou uma interpretação, da realidade total. ¿Mas do facto de tratarem certos romances assuntos desta ou daquela natureza, se enquadrarem nesta ou naquela doutrina, subentenderem esta ou aquela filosofia, êste ou aquêl ideal — se deverá julgar extraordinários ou banais, vivos ou caducos, gigantescos ou minúsculos os seus autores? ¿Acaso o que torna determinada criação literária mais perdurável, mais verdadeira, mais humana..., e superior sob o ponto de vista artístico (não me permite o meu atraso deixar de crer no ponto de vista artístico!) é ter o seu autor pre-

ferido certa atitude filosófica a outra, certo ideal a outro, certas reivindicações a outras, certos motivos a outros? A resposta é afirmativa em quasi todos os artigos actualmente publicados sôbre a literatura brasileira. O mais curioso, porém, é suporem seus autores que não; e embrulharem-se em teorizações duma *arte dos nossos dias* que eu serei o primeiro a admirar... através de qualquer admirável criação de arte em que se realize. Quere isto dizer que não pode o meu espírito rotineiro deixar de admirar qualquer obra de arte admirável, seja qual fôr a teoria com que pretendam sustentá-la, nem deixar de repelir como estreita e dogmática tôda e qualquer teoria que, por mais recente, se julgue a única com direito à vida... Ai, prezado camarada! ousarei confessar-lho?: Quando quero ler sôbre arte coisas que a mim me parecem luminosas e profundas, tenho a imbecilidade senil de ainda me regalar com as páginas que lhe consagraram Kant e Schopenhauer, êsses velhos architectos de «*construções irreais e metafísicas*»... Bem sinto, bem suspeito, que estaria mais a dentro do *momento histórico*, da *verdade histórica*, ou do quer que é, aprendendo e regalando-me com aquelas páginas contemporâneas em que enfim se desvenda a verdade suprema..., ¿que digo? a verdade absoluta, não só sôbre as relações da arte e da vida, da arte e da *realidade* (não ousou perguntar que realidade!) como sôbre tôda a espécie de relações. Mas... diz o povo que «pecado confessado é pecado perdoado». Confessada já a minha irreprimível tendência a preferir aquelas obras em que se me afigura divisar o vergonhoso estigma do *eterno* (ou, mais modestamente: do perdurável), confessarei também antes crer na compreensão que da arte tiveram aquêles velhos cérebros fantasistas do Schopenhauer e do Kant do que na que teem as actuais cabeças positivistas, dialécticas, lógicas, realistas humanistas... sobretudo portuguesas. Assim mais uma vez declarada a minha névoa mental (à qual procurarei não tornar a referir-me para não ter o ar de me jactar de tal desgraça...) não se admirará o meu prezado cama-

rada e amigo de que, voltando à literatura brasileira, eu diga disparates sobre tolices. Está prevenido, não é verdade? Que alívio! Voltemos, pois, ao romance brasileiro.

Deverei repetir que há na literatura brasileira contemporânea uma dúzia de autores que sinceramente admiro? Nem por isso os julgo acima de toda a crítica. Tampouco os valoriza, tratando-se de artistas, por coisas que devem ser consideradas sob outros pontos de vista que não o literário. Tendo, pois, erguido restrições (timidas restrições) ao actual entusiasmo de certa juventude lusitana por certas correntes literárias do Brasil actual, — não foi você próprio, prezado camarada, quem, por começar a convencer-me, me apontou, entre outros romances, *Os Corumbas*? Várias vezes vi depois citado este romance em artigos apologéticos e doutrinários: dêsses que seus próprios juvenis autores hoje em dia atiram ao vento, do alto das ameias conquistadas, e a que chamam ensaios e críticas. (Valentes rapazes!) Ora para vergonha minha, eu ainda não lera esse afamado livro d*Os Corumbas*. Li-o... mastiguei-o. Reconheci-lhe uma qualidade literária excelente, aliás comum a vários romances brasileiros contemporâneos: o diálogo vivo, natural, animado. Ah, nesse ponto, temos nós muito a aprender até com os mais jovens autores brasileiros! Também achei em certas cenas d*Os Corumbas* uma sobriedade e uma precisão notáveis. E também nestoutro ponto nós temos a aprender até com os mais jovens autores brasileiros... Mas ao longo do livro, estas mesmas qualidades se me afiguraram degradadas em deficiência e segura. O estilo pareceu-me pobre, paupérrimo, de curto fôlego, pouco revelando duma sensibilidade e imaginação de artista. Essa espécie de redacção telegráfica tão cara ao actual romance brasileiro (e aos críticos simplistas portugueses) breve se torna, a não cair em mãos dum verdadeiro artista como Jorge Amado, insuportavelmente monótona; chata. A falta de horizonte, de perspectiva, de tempo, de espaço, a impotência de sugerir a verdadeira riqueza e complexidade da vida, — colaboravam com a indigência do estilo e a ausência ou escassez de poesia (não há grande romance sem poesia) na impressão de estreiteza do romance... Mas se tal romance, cuja *humanidade* eu lhe ouvira celebrar, me parecia afinal tão pouco humano, tão inerte, era principalmente porque tudo, nêle, desde o rudimentar e convencional desenho dos personagens ao esquematismo ou fatalismo da acção, — fôra demasiado calculado pelo autor em vista a um fim de propaganda. E aqui está, prezado camarada: Numa verdadeira obra romanesca, ao próprio *criador* impõem as *criaturas* a sua liberdade (ou o seu determinismo) e o seu imprevisível. Tal a força

de vida, tal a carga de verdade com que o criador as animou! Em certos passos de toda a grande criação romanesca, já os personagens ditam ao autor o que ele escreve; já agem, talvez, ao invés do que ele dispusera... Aquêles entes sonhados realizaram-se. Aquêles bonecos viveram. Conseqüentemente, revelaram-se mais ricos, mais complexos, mais pessoais, mais *senhores de si*, do que os vira a consciência clara do seu criador. E é caso para dizer que nem este, algumas vezes, *pode com a sua vida*... Julgo que é a um conjunto de fenómenos desta laia que se chama *inspiração*.

Sente-se alguma coisa disto n*Os Corumbas*? O que aí sinto, por minha parte, é que toda aquela desgraçada família está de antemão votada pelo autor á perdição e á miséria; mesmo contra toda a verosimilhança. Visíveis assim as engrenagens da máquina, (que podem existir, e existem, em qualquer romance de intuitos, mas são superadas ou invisíveis em todos os verdadeiros romances) a história d*Os Corumbas* deixa de interessar como obra de criação artística. Não nasceu, aquilo, duma profunda necessidade de criador; não é a projecção duma autêntica personalidade de artista: É o produto dum abstracto propósito de propaganda social e política. Pode tal propósito ser em si muito respeitável. O que importava, porém, era que fôsse eficaz numa obra de arte... Ora uma sensibilidade menos pronta a aceitar qualquer obra de arte não tanto pelo que represente em arte como pelos ideais ou doutrinas que sirva — não *crê* na desgraçada família d*Os Corumbas*; isto sabendo embora que, desgraçadamente, ainda há hoje milhões de famílias assim desgraçadas!

Ora o que é sintomático, meu amigo, é ser o próprio mais grave defeito do livro que o recomenda aos olhos dos nossos jovens críticos. Dito isto, fica tudo dito. Inútil procurar outros exemplos. Inútil insistir. Como, felizmente, há outras coisas a considerar na moderna literatura brasileira, passemos adiante.

b) — Uma parte da atracção da nossa literatura pela moderna literatura brasileira resulta de se reverem certas características da literatura portuguesa em idénticas características da moderna literatura do Brasil. O lirismo — por exemplo. Tem-se dito e redito ser o lirismo das mais originais características da nossa literatura. Também o penso... e nada vejo a opor-lhe. Primeiro: porque também eu sou muito sensível ao lirismo... ao verdadeiro; razão por que abomino quaisquer suas falsas manifestações. Segundo: porque, como crítico, penso que não há grande obra de arte sem força lírica mais ou menos manifesta. Terceiro: porque, sendo visível a infiltração do lirismo em todas as nossas manifestações literá-

rias mais fortes, (é ver os Cancioneiros, os próprios Fernão Lopes e Mendes Pinto, e Camões e Gil Vicente, Bernardim e Crisfal, Bocage, Garrett ou Camilo, Antero, Oliveira Martins ou o próprio Eça, Fialho, etc.) seria perfeitamente vão combater uma força que tão eficientemente se afirma; além de que seria bem pouco inteligente, por não ser ela, em si, condenável. Fica, pois, entendido que não tenho a mínima tendência a combater o lirismo característico da literatura portuguesa. E também ficará entendido que acho a coisa mais natural do mundo interessarem-se os literatos e críticos portugueses por uma literatura — neste caso a brasileira — em que se revele força lírica. Se tal força lírica reveste na actual literatura brasileira formas capazes de renovarem o nosso lirismo; se penetra novos motivos a que também a literatura portuguesa pode não ser alheia, — acho bom, acho excelente, acho óptimo que nos interessemos nós, portugueses, pelos brasileiros capazes de nos enriquecer; de nos desoprimir do convencional ou do estafado; de nos ampliar os meios de expressão e o mundo interior: Pois todo o chamado mundo exterior não é motivo de arte senão interiorizando-se no artista; todo o objecto não existe na criação artística senão por ter sido subjectivado. E se Você me pede o nome dum brasileiro contemporâneo em cuja obra se afirme, poderosa como tôdas as forças naturais, uma força lírica própria a remoçar o lirismo português naquelles escritores portugueses mais capazes de lhe ser permeáveis (não há *influências* fecundas senão asentes em *afinidades*), — sim, citar-lhe-ei ainda êsse tão citado como *mal-compreendido* Jorge Amado.

Simplesmente, volto aos meus pontos de vista: Nada mais urgente do que evitar confusões. Como

já disse, tendem hoje os nossos escritores que principiam — a estrear-se não com versos mas com artigos de polémica e crítica. (E crítica e polémica são ainda muitos dos versos dos que principiam: Há um verso-livre idêntico em vários, com que vários debatem questões muito idênticas...). Ora as confusões são naturais à juventude. A abundância de artigos de polémica e crítica não é suficiente prova de que o discernimento crítico haja progredido em consequência. Desculpe-me Você, prezado camarada, se de raspão o toca também alguma destas minhas rabujices... mal comparando (oh! mal comparando!): *castilhianas*. (Novo parêntesis: Só ousou aplicar aqui êste adjectivo por já me ter dado a honra — a imerecida honra! — de me chamar pequeno Castilho... algum de Vocês que a si próprio se dava a não menor honra de se considerar grande Antero).

Voltando então aos meus pontos de vista: Se o que atrai alguns dos jovens literatos portugueses a interessarem-se pela jovem literatura brasileira é essa afinidade na inclinação lírica — essa ou qualquer outra — bom é que o saibam. Se se relacionam tais afinidades não com valores positivos (já vimos que o lirismo é um) mas antes com limitações que podem ser agradáveis num dado momento a dados grupos — melhor é que o saibam também. E em qualquer dos casos, o facto de haver afinidades entre a literatura portuguesa e a brasileira de modo nenhum é razão para perdermos, na apreciação desta, o senso das proporções, da justa medida, da prudência crítica, da visão lúcida...

(Conclue no próximo número)

JOSÉ RÉGIO

# Rabindranath Tagore

## III

Procurei mostrar algumas influências que concorreram para a formação de Tagore e como alguns dos traços porventura capitais da sua personalidade tiveram origem na ambiência que desde a infância o banhou.

É tempo, antes de vos abandonar ao desejo de o ler, porque só lendo-o o ficareis conhecendo, de vos dizer algumas palavras sôbre a sua acção, sôbre o modo como êle por sua vez influe no meio em que vive, de acôrdo com aquela concepção de acção recíproca entre meio e homem de que vos falei no início.

Tagore devotou-se a duas grandes tarefas — à

afirmação de vitalidade da língua do seu povo e à luta pelo ideal de amor e de fraternidade humana que palpita no fundo das suas concepções religiosas e metafísicas.

Da primeira dessas tarefas, dir-vos-ei apenas que, de influenciado pelo movimento literário de Bengala que florescia já antes do seu nascimento, êle se transformou na sua principal alavanca actual. Pode afirmar-se que Tagore tem feito mais pela língua bengali do que todos os escritores seus compatriotas juntos; êle é hoje a primeira figura literária, não já de Bengala mas de tôda a Índia, para